

DESMITIFICANDO A GENÉTICA DO CÂNCER DE IMPORTÂNCIA PARA AS MULHERES

Adrielly Ferreira das Neves Silva (1); Marcelle Mariana Sales de França (2)

(1) Universidade Federal Rural de Pernambuco – adrielly_neves12@outlook.com.br

(2) Universidade Federal Rural de Pernambuco – marcellesalesfranca@gmail.com

Introdução

Câncer é o nome dado a um conjunto de mais de cem doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células, que invadem tecidos e órgãos. Dividindo-se rapidamente, estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, determinando a formação de tumores malignos, que podem espalhar-se para outras regiões do corpo, processo conhecido como metástase (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018a). Apesar de ser uma condição grave, e alguns serem geneticamente pré-determinados, muitos tipos de câncer podem ser prevenidos, uma vez evitando fatores de risco comuns, como o tabagismo. Além disso, uma proporção significativa deles pode ser curada, seja por cirurgia, quimioterapia ou radioterapia, sobretudo se forem detectados precocemente (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2018a).

No grupo feminino, após o câncer de pele não-melanoma, os índices de câncer de mama e câncer de colo de útero são os mais altos, tornando-se foco de Saúde Pública mundial (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018a). No Brasil, o câncer de mama mata mais de 14 mil mulheres e cerca de 60 mil novos casos são registrados anualmente (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018b). Por sua vez, o câncer de colo de útero apresenta estimativa de quase 17 mil novos casos todos os anos e mortalidade superior a cinco mil (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018d).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2018b), o câncer de mama é o principal câncer em mulheres tanto no mundo desenvolvido quanto no mundo em desenvolvimento. Sua incidência está aumentando no mundo em desenvolvimento devido à crescente expectativa de vida, ao aumento da urbanização e à adoção de estilos de vida ocidentais. Embora algumas reduções de risco possam ser alcançadas com a prevenção, essas estratégias não podem eliminar a maioria daqueles que ocorrem em países de baixa e de média renda, uma vez que o câncer de mama é diagnosticado em estágios bem avançados. Portanto, a detecção precoce para melhorar o resultado e a sobrevivência do câncer de mama continua a ser a base do seu controle. A mamografia é o exame indicado para detectar essa doença, porém, o exame clínico e o autoexame das mamas são importantes recursos no seu rastreamento (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018c).

Por sua vez, o câncer do colo do útero (também chamado de câncer cervical), é causado pela infecção persistente por alguns tipos oncogênicos do Papilomavírus Humano (HPV). Embora a infecção genital por este vírus seja muito frequente e não cause doença na maioria das vezes, em alguns casos, podem ocorrer alterações celulares que poderão evoluir para o câncer. Essas lesões precursoras são facilmente descobertas no exame preventivo (conhecido também como Papanicolaou) e são curáveis na quase totalidade dos casos. Por isso, é importante a realização periódica deste exame (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2018d).

O rastreamento do câncer é um empreendimento de Saúde Pública muito complexo. No Brasil, por exemplo, os recursos são limitados e o sistema de saúde é frágil. Além disso, percebe-se a existência de uma cultura em que essas doenças são cercadas de mitos e tabus. Consequentemente, a maioria das mulheres são diagnosticadas nos estágios

avançados ou finais, tornando impossível seu tratamento (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2018a).

Muitos países de baixa e média renda enfrentam o duplo ônus do câncer do colo do útero e da mama. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2018a), eles precisam implementar intervenções combinadas, que sejam acessíveis e com boa relação custo-benefício, a fim de combater essas doenças altamente evitáveis. Uma das alternativas consiste na realização de programas de prevenção que foquem na Educação em Saúde, por meio de ações que informem sobre o câncer, sensibilizem e conscientizem as mulheres a realizarem consultas médicas e exames periodicamente.

Em 2018, o projeto de extensão "Desmitificando Genética" tem desenvolvido intervenções educativas sobre diversos temas nessa área do conhecimento. Dentre elas, foram executadas ações de Educação em Saúde sobre prevenção de cânceres de importância para mulheres. Portanto, o objetivo desse trabalho foi avaliar o impacto e apresentar os principais resultados alcançados através dessa experiência.

Metodologia

As intervenções pedagógicas sobre câncer de mama e câncer de colo de útero estão sendo realizadas desde julho de 2018 em unidades de saúde, localizadas na Região Metropolitana do Recife. Os participantes foram pacientes e transeuntes que estivessem no local na ocasião da atividade, principalmente mulheres.

Foi empregada uma abordagem direta, na qual questionamentos sobre os temas foram sendo propostos. À medida em que foi sendo estabelecido um diálogo entre o comunicador (extensionistas) e o receptor (participantes), informações foram compartilhadas e/ou ressignificadas, baseado em seus conhecimentos prévios. Os materiais didáticos utilizados foram banners informativos, imagens e vídeos disponibilizados no notebook, além de um modelo didático de mama e outro modelo de pelve feminina. Estes foram fundamentais para as oficinas sobre o autoexame das mamas e o preventivo de Papanicolaou, respectivamente.

A análise das ações foi de natureza qualitativa, baseada nos conhecimentos, comportamentos e atitudes demonstrados pelos participantes ao longo das abordagens (CAMPOS; NIGRO, 1999). Estas tiveram duração de cerca de 10 minutos.

Resultados e Discussão

Em geral, a proposta do projeto foi bem recebida pelas unidades de saúde contactadas. Inicialmente, a participação dos indivíduos foi limitada, uma vez que muitos encontraram-se sem tempo para receber a abordagem, sentiram-se tímidos ou não demonstraram qualquer interesse. Por isso, na maioria das vezes, foi necessário abordar ativamente as pessoas, na expectativa de que elas percebessem a importância da ação.

Em meio às abordagens, percebeu-se que a maioria das pessoas costumam obter informações sobre o câncer de mama a partir de campanhas pontuais, como o "Outubro Rosa" (BAFFI-BONVINO; ANDRADE, 2018). Quando questionadas, a maioria das mulheres afirmaram que costumam fazer o autoexame, embora não ficou claro com qual frequência. A maioria disse que realiza os exames preventivos regularmente com o ginecologista e que já fez a mamografia pelo menos uma vez.

Dos poucos homens abordados, a maioria desconhecia que poderia desenvolver o câncer de mama. Afirmaram nunca ter tido a preocupação com relação à doença, visto que a maioria das informações são com relação às mulheres. Eles relataram que suas parentes mais próximas sempre realizavam os exames de mamografia e de ultrassom quando ocorrem campanhas do governo.

Quanto ao tema prevenção do câncer de colo de útero, as ações foram mais difíceis de se realizar. Isso ocorreu porque foi necessário falar sobre HPV e, conseqüentemente, comportamentos e práticas sexuais. No geral, as mulheres mostraram-se mais receptivas ao recebimento de informações do que os homens, embora não dialogassem na mesma proporção do que na prevenção do câncer de mama. Segundo Ferreira (2009), abordagens dessa natureza costumam trazer desconforto, vergonha e até medo entre os indivíduos, mesmo entre aqueles sexualmente ativos.

Durante as ações, também surgiram depoimentos contrários à vacinação contra o HPV, atualmente disponível na rede pública para adolescentes de ambos os sexos. Na fala das participantes, percebeu-se um discurso permeado com concepções cientificamente errôneas e, sobretudo, repletas de preconceitos e tabus. Uma das vozes questionava se as meninas que não haviam iniciado vida sexual realmente poderiam usufruir da vacina sem lhes causar danos. Por "danos", não foi possível definir ou exemplificar o termo. Todavia, ficou implícita a ideia de que a vacina seria um estímulo à iniciação sexual pelas garotas.

No trabalho de Sousa et al. (2018) sobre conhecimento e aceitabilidade da vacina para o HPV entre adolescentes, pais e profissionais de saúde, verificou-se que os pais e/ou responsáveis apresentaram maior aceitação da vacina que os próprios adolescentes. Como esse estudo foi baseado em dados coletados no estado de São Paulo e não existem publicações dessa natureza para Pernambuco, é possível que o público nessa região necessite de ações mais direcionadas a desmitificar a imunização contra o HPV, um vírus tão importante.

Poucas mulheres informaram que sempre realizavam os exames preventivos, mesmo quando seu ginecologista receitava. Embora o Brasil tenha sido um dos primeiros países no mundo a realizar a citologia do Papanicolau, dados mostram que os índices de mortalidade por câncer cervical não registraram nenhuma queda nos últimos vinte anos e estima-se que cerca de 40% das mulheres nunca tenham sido submetidas ao exame citopatológico (CASARIN; PICCOLI, 2011).

No estudo de Ferreira (2009), entre os motivos que influenciaram a não realização do exame de Papanicolau foram o desconforto, medo e constrangimento. Além disso, elas desconheciam detalhes técnicos e sua função preventiva. Esses resultados corroboram com o observado nas ações descritas aqui, em que as participantes relataram sentir medo ou vergonha, e ainda a dificuldade de acesso ao exame na rede pública.

Dentro do processo de ensino-aprendizagem, observou-se que as oficinas empregando os modelos didáticos contribuíram para a aprendizagem significativa dos participantes. As informações compartilhadas anteriormente foram melhor apreendidas, possivelmente devido à sua passagem do plano abstrato para o plano do concreto.

À medida que as mulheres foram "desafiadas" a apalpar as mamas e "descobrir" se alguma delas mostrava alterações, elas puderam aplicar os conhecimentos sobre o autoexame, de forma lúdica e objetiva. Após a experiência, muitas disseram se sentir encorajadas a observar quaisquer mudanças em suas mamas e a buscar os serviços de saúde regularmente. Além disso, elas afirmaram que iriam compartilhar os conhecimentos vistos com outras mulheres.

A manipulação do modelo anatômico da pelve feminina e a simulação do exame de Papanicolau propiciou um momento de descontração e enfrentamento, mostrando-se uma experiência positiva para as mulheres. Ao final, muitas afirmaram que iriam falar sobre os novos conhecimentos e a vivência com suas mães, filhas, parentes e/ou amigas.

Conclusões

Esse trabalho mostrou a importância de ações educativas sobre a prevenção do câncer de mama e câncer de colo de útero entre mulheres. Mais importante, ressaltou a necessidade de esclarecer, mas também experimentar no plano concreto, através das oficinas, as práticas

que fazem com que essas doenças possam ser melhor rastreadas e detectadas, o mais precocemente possível.

Observa-se que, muitas vezes, os indivíduos já possuem muitas informações sobre essas e outras doenças relevantes, embora demonstrem concepções alternativas e/ou errôneas. Consequentemente, a mensagem chega equivocada e, consequentemente, não atende ao seu objetivo. Portanto, desmitificar conceitos e percepções é um passo fundamental para o sucesso no tratamento de problemas de Saúde Pública, como os vistos aqui.

Nesse contexto, concluímos que o projeto "Desmitificando Genética" está contribuindo na divulgação e popularização da Genética e cuidados com a saúde para diversos públicos, de forma prazerosa e científica, livre de mitos e tabus.

Referências

BAFFI-BONVINO, M.A; ANDRADE, N.F. Outubro Rosa na extensão universitária: Impacto de um projeto. **Revista Ciência Extensão**. v. 14, n.1, p.26 - 42, 2018. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1732/1457> Acesso em 10 set. 2018.

CAMPOS, M.C.C.; NIGRO, R.G. Didática de Ciências. São Paulo. FTD, 1999. 192p.

CASARIN, M.R. PICCOLI, J.C.E. Educação em saúde para prevenção do câncer de colo do útero em mulheres do município de Santo Ângelo/RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n.9, p.3925-3932, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232011001000029&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 08 set. 2018.

FERREIRA M. L. S. M. Motivos que influenciam a não realização do exame de Papanicolau segundo a percepção de mulheres. **Escola Anna Nery. Revista Enfermagem**. v. 13, n.2, p. 378-384, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a20>> Acesso em: 09 set. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **O que é câncer?** 2018a. Disponível em: <http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=322> Acesso em 08 set. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Tipos de câncer: Mama**. 2018b. Disponível em: <<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/mama>> Acesso em: 08 set. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Tipos de câncer: Mama (Detecção precoce)**. 2018c. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/mama/deteccao_precoc> Acesso em 08 set. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Tipos de câncer: Colo de útero**. 2018d. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/colo_uterio> Acesso em: 09 set. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Health topics: Cancer**. 2018a. Disponível em: <<http://www.who.int/topics/cancer/en/>> Acesso em: 10 set. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Breast cancer: prevention and control.** 2018b. Disponível em: <<http://www.who.int/cancer/detection/breastcancer/en/>> Acesso em: 10 set. 2018.

SOUSA, P.D.L.; TAKIUTI, A.D.; BARACAT, E. et. al. Conhecimento e aceitabilidade da vacina para o HPV entre adolescentes, pais e profissionais de saúde: elaboração de constructo para coleta e composição de banco de dados. **J. Hum. Growth Dev.** v. 28, n.1, p.58-68, 2018.